

Universalidade de Roberto Burle Marx

JOSÉ TABACOW

O termo "holístico" entrou na moda recentemente. No meio acadêmico, é muito comum a menção a expressões como "abordagem holística", "aproximação holística" e outros holismos menos votados. Quase sempre, o conceito surge em conjunto com outro conceito, com a participação de equipes *inter*, *pluri*, *multi* ou mesmo *polidisciplinares*. Juntos, propiciam a construção de pérolas semânticas, como "...uma abordagem holística garantida pela atuação integrada de uma equipe pluridisciplinar, etc., etc."

Mas, o que vem a ser isso? Holismo, segundo mestre Aurélio, é a tendência, que se supõe seja própria do universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas". Em palavras mais simples, abordagem holística deve significar aquela em que um problema é examinado à luz de todos os aspectos envolvidos, em conjunto. Por outro lado, multidisciplinar ou pluridisciplinar parece querer se referir simplesmente a atividades que envolvam diversas disciplinas, embora já tenha presenciado discussões nas quais se pretendia estabelecer sutis diferenças pseudo-intelectuais entre as formas *multi*, *pluri*, *poli*, etc. Entretanto, não basta apenas rotular para qualificar.

Esta longa introdução (não holística) ocorreu-me quando, solicitado a escrever artigo sobre Roberto Burle Marx, refletia sobre a atitude do paisagista diante de qualquer problema ligado ao seu mister. Pretendo mostrar que esta atitude sim era holística, embora tal termo ainda não fizesse parte do vocabulário.

Inicialmente, Burle Marx foi um arquiteto, no que diz respeito ao tratamento e à distribuição de espaços em seus jardins.

Muito embora em paisagismo haja maior liberdade para elaborar o espaço, era permanente sua preocupação com os aspectos funcionais da composição. Daí, uma de suas frases mais repetidas: "Um jardim para um convento tem que ser diferente de um jardim para um *shopping*". Adicionalmente, tinha uma visão muito clara do papel construtivo da vegetação. "A planta é meu material de construção", costumava dizer com frequência. Por isso, suas jardineiras que escalam fachadas cegas, como no Teatro da Manchete ou no muro divisório do Hospital Souza Aguiar (Rio de Janeiro), por isso suas armações para trepadeiras, como no Ministério da Justiça, em Brasília, ou a colossal estrutura no pátio da Xerox (Rio de Janeiro), suporte para epífitas que perpassa os pavimentos, brindando com "jardins" todos os escritórios e não apenas os do andar térreo. Em todos esses exemplos, tem-se uma estrutura subjacente, coberta de plantas como se fossem um revestimento.

Entretanto, a planta é dinâmica, obedecendo a impulsos e necessidades vitais inerentes à sua espécie. Como tratá-la como um material estático, inerte? Não era essa a proposta. Ao contrário, todas as exigências da planta como ser vivo eram atendidas, como resultado de um profundo conhecimento de botânica aplicada. Assim, a faceta botânica de Roberto Burle Marx se fazia sentir com força e presença nos jardins, embora ele recusasse sempre o título de botânico, que algumas pessoas inadequadamente lhe atribuíam.

É bastante conhecida sua busca constante de novas plantas para uso em projetos de paisagismo. Nessa atividade, diversas

outras facetas do paisagista vem à tona: inicialmente, uma proposta de aclimatar e multiplicar plantas para uso em jardins exige sólidos conhecimentos de horticultura, sem os quais a empreitada está destinada ao fracasso. A esse respeito, vale a pena contar um pequeno fato: presenciei, várias vezes, em viagens de coleta, Burle Marx lamentar não ser possível a coleta de velozíáceas. Essas verdadeiras esculturas vegetais desidratam logo após o transplante, parecendo mortas. Mas a feliz circunstância de haver conhecido a botânica Nanuza Menezes, especialista naquela família, levou-o a saber que a morte das velózias era apenas aparente e que o tratamento continuado as fazia reviver. Graças a essa informação, o Sítio Roberto Burle Marx tem, hoje, a maior coleção viva de velozíáceas (cerca de 150 espécies), tendo algumas já sido usadas em jardins.

Durante essas viagens de coleta, Burle Marx tinha oportunidade para satisfazer outra de suas necessidades constantes: a observação das associações vegetais e dessas com seu suporte ou substrato. Agindo como um verdadeiro ecólogo, seu objetivo era entender e transpor relações naturais para os jardins, não fazendo uma cópia servil, mera imitação de um cenário ou paisagem, mas criando sua própria composição, respeitando e incluindo, intrinsecamente, a dependência ecológica. Daí sua irritação ao perceber um cacto plantado por jardineiros à margem da Lagoa da Pampulha (Belo Horizonte) e ao ver associadas plantas oriundas de climas distintos, como numa praça em Pancas (Espírito Santo), onde a *Araucaria excelsa*, de clima temperado, dividia estranhamente o espaço com o mandacaru, do semi-árido nordestino.

Burle Marx viajou por todo o Brasil coletando plantas. Queria "aumentar o vocabulário à disposição do paisagista", descobrindo novas espécies com qualidades orna-

mentais. Nessas numerosas viagens, tornou-se também um profundo conhecedor da biogeografia, incorporando novos conhecimentos como referências e parâmetros em seus projetos. "Não posso fazer um jardim em Manaus como faria em Curitiba", dizia. Embora haja plantas que viveriam nas duas cidades, recusava-se a ignorar as condicionantes bioclimáticas de cada local, não apenas para propiciar bom desenvolvimento das plantas, como também para estabelecer microclimas mais confortáveis para o usuário. Em Brasília, por exemplo, quase todas as suas composições têm, como pano de fundo, enormes espelhos d'água que cumprem funções estéticas, mas que também ajudam a esquecer a extrema secura do ar, na região, em determinadas épocas. Gostava de referir-se à água como "o elemento vivificador" e respeitava, em seu uso, condições geomorfológicas observadas na natureza: a água procura as partes mais baixas do relevo. Não há um só lago, piscina ou espelho d'água localizado em encosta ou topo de colina, em seus projetos. Tampouco propõe tanques sobressaindo do terreno, de forma que o nível d'água esteja mais alto que o nível das margens, como numa banheira.

A grande maioria dos projetos de Roberto Burle Marx foi para áreas urbanas. Assim, o conhecimento e a busca de compreensão dos problemas de urbanismo não poderiam ficar fora das preocupações do paisagista. Trabalhou em estreita colaboração com urbanistas como Affonso Eduardo Reidy, Wit Olaf Prochnik, Lúcio Costa e muitos outros a quem freqüentemente consultava. Não fazia apenas a especificação de vegetação, mas analisava o significado do jardim no contexto urbano. "Se as pessoas passam por cima do canteiro é porque este está numa localização inadequada", ensinava. Tal lição foi muito confundida com um fato, inteiramente improcedente, a ele atribuído: conta-se que Bur-

le Marx fazia um jardim e deixava o povo marcar, na grama, as trilhas mais adequadas, para depois construir os caminhos sobre as mesmas. Isso não é verdade e ele jamais concordou em agir assim. Suas composições eram completas, incluindo todas as demandas de um projeto que, se fosse o caso, poderia ser revisto posteriormente. Mas não concordava em deixar para o povo uma função que considerava sua. Tinha consciente sua obrigação de atender as necessidades funcionais da cidade. No projeto da nova Avenida Atlântica, sobre um aterro no mar, agiu prioritariamente como urbanista, partindo de uma proposta que procurava “devolver ao habitante da cidade um pouco do espaço perdido para os automóveis”, sendo extremamente parcimonioso nos canteiros, reservando o espaço para o morador confinado na densidade dos edifícios que aglomeraram a população em Copacabana a partir da década de 50.

Roberto Burle Marx era formado pela Escola Nacional de Belas Artes, voltado em especial para a pintura, mas tendo produção nas mais variadas formas de manifestação artística. Incursionou pela escultura, desenho de jóias, gravura, sempre com a seriedade e o entusiasmo que caracterizam um profissional. Dizia: “A arte não

pode se atrelar a fórmulas. Mas existem princípios inerentes a qualquer manifestação artística, seja ela pintura, música, cinema, que lhe dão consistência e estrutura”.

Mas será que Burle Marx tinha todos estes conhecimentos generalizados? Seria ele um artista com raízes no século XIX, na busca permanente de ampliar seu saber nas mais variadas áreas do conhecimento? Muito embora fosse um curioso consciente (“No dia em que perder a curiosidade, prefiro morrer”, afirmava sempre em entrevistas e conferências), buscava, em todas as áreas, o apoio de profissionais competentes e neles confiava quase irrestritamente. Em sua vida, foi constante a seleção dos profissionais nos quais procurava se apoiar, ouvindo seus conselhos e suas observações. Parodiando Vinícius, sua confiança era eterna, enquanto durasse.

Roberto Burle Marx foi assim. Reconhecido como um dos mais completos artistas deste século, não apenas pela diversidade de sua produção, como também pela consideração analítica e cuidadosa que dispensava a cada aspecto de suas variadas realizações, caracteriza-se inofismavelmente por uma atitude que defino como multifacetada, apenas para evitar a acusação de modismo que sofreria se qualificasse sua postura como holística.